

A RADICALIZAÇÃO DA RECUSA FRENTE À INEXISTÊNCIA DA RELAÇÃO SEXUAL

CRISTIANE DE FREITAS CUNHA

VINICIUS MOREIRA LIMA

Resumo: Este trabalho visa a interrogar o radicalismo de algumas das formas contemporâneas da recusa como uma modalidade de defesa do sujeito frente à inexistência da relação sexual. Para tanto, fazemos um breve percurso sobre o debate de Domenico Cosenza acerca dos três tempos lógicos da adolescência, a fim de discutir dois casos de travestilidade e transexualidade que são atendidos no laboratório Janela da Escuta. Em seguida, a partir do referencial da recusa, traçamos um paralelo com a questão dos jovens no Estado Islâmico, numa tentativa radical de não se haver com o equívoco nem com a opacidade do sexual.

Palavras-chave: Recusa; Radicalismo; Sexualidade; Adolescência.

Abstract: This work aims to interrogate radicalism in some of the contemporary forms of refusal as a modality of defense of the subject in front of the inexistence of the sexual relationship. We make a brief trajectory on Domenico Cosenza's debate about the three logical times of adolescence, in order to discuss two clinical cases of a transvestite and a transsexual from the *Janela da Escuta* laboratory. Then, from the referential of refusal, we trace a parallel with the question of the youth gathered in Islamic State, in a radical attempt not to face the opacity of the sexual.

Keywords: Refusal; Radicalism; Sexuality; Adolescence.

A radicalização da recusa frente à inexistência da relação sexual

CRISTIANE DE FREITAS CUNHA

VINICIUS MOREIRA LIMA

Domenico Cosenza (2014) percorre a 'delicada transição' da adolescência em três tempos lógicos. O primeiro é o tempo dos sonhos; sem eles, não se pode pensar em fazer amor (LACAN, 1974). O segundo tempo é o do trauma; a inconsistência dos sonhos se revela, constata-se que, sob o véu, não há nada. No terceiro tempo, o percurso se bifurca; alguns adolescentes aceitam entrar no jogo da vida amorosa,

sem garantia. O amor e a linguagem seriam saídas elegantes que podem fazer suplência à inexistência da relação sexual (LACAN, 1972-73/1975). Outros permanecem em uma posição de recusa. A posição da recusa coloca em cena o objeto nada, causa de não desejo (COSENZA, 2017).

No laboratório Janela da Escuta, temos nos deparado com casos de adolescentes que se nomeiam trans ou travestis nos quais a posição da recusa frente à inexistência da relação sexual é notável. O corpo se revela como um território de investimento pulsional intenso, que absorve o sujeito. Demandas são tecidas e endereçadas à tecnociência, abrangendo a administração de hormônios e intervenções cirúrgicas e, ao campo do direito, para a mudança do nome de registro. Temos, assim, o discurso universitário, na posição autoritária de semblante, com o objetivo de melhorar a relação entre os sexos (LACAN, 1973/1975, p.63) ou de velar a falta da relação entre eles. No discurso de alguns desses jovens, não há referência ao amor.

Um jovem trans, Ivan, procura o Janela da Escuta com a demanda de se submeter à mastectomia. Ele nos conta que a transição para uma identidade masculina foi harmônica: começou a se hipertrofiar com a musculação, depois começou a usar hormônios masculinos. Obteve o registro do nome social, com o qual se matriculou na universidade. Os pais têm aceitado o processo. A única 'desarmonia' é no campo amoroso, ao qual ele renuncia.

Do outro lado do Atlântico, na França, somos convidados a participar de uma pesquisa clínica com jovens extremistas que aderiram ao Estado Islâmico (EI). Na construção dos casos, desvela-se uma outra forma de recusa. Jovens que recusam qualquer dialética, qualquer opacidade, qualquer equívoco.

Hana, 13 anos, encontrava-se presa em uma cidade de fronteira, na França. Hana é neta de marroquinos e, assim como seus pais, nasceu na França. A infância é marcada pela violência sexual. Desde os onze anos, apresenta anorexia. A assistente social, que foi visitá-la na prisão, se impressionou com sua magreza, evidenciada pela retirada dos véus e túnicas. E, sobretudo, com o olhar de Hana: "ela já está morta". A incorporação da morte que antecede a sua anunciada e abortada explosão de si mesma.

O radicalismo islâmico usa a tecnociência para se difundir, captando adeptos nas redes sociais. As redes e mídias são também o veículo de difusão do terror; as imagens captadas no momento dos atentados se impõem, sem mediação simbólica.

Não há uma narrativa em torno dos atentados, uma demanda (LACHANCE, 2016). O enigma se instala do lado do Outro, assim como a angústia. Tentativa de fazer o Outro existir?

Do lado dos extremistas, vemos a simplificação do discurso islâmico, que produz conceitos inequívocos sobre a sexualidade e os papéis a serem desempenhados no laço sexual.

Relatos das conversões na Tunísia nos mostram as prescrições da incorporação dos textos, do treinamento corporal e da aquisição de hábitos e costumes (corte do cabelo, barba, comprimento da túnica, perfume). Diante das mulheres, o olhar deve se desviar para baixo. As mulheres são classificadas dicotomicamente: as muçulmanas são candidatas ao casamento, muitas vezes mediado por agências matrimoniais do próprio EI. As outras mulheres, as não crentes, podem ser objeto de violência sexual e/ou física. Há um esvaziamento do simbólico, que permitiria o equívoco do inconsciente, em favor de uma proliferação dos signos (SELAMI e SALEM, 2016).

Uma nova relação se instaura: entre irmãos. Oliver Roy (2016) enfatiza a inexistência de extremistas mais velhos. De uma forma diferente da observada em grupos como o Hamas, no EI há uma ruptura geracional. Quando já havia uma evaporação do pai, um enfraquecimento da função paterna, delineia-se um corte, a saída de casa, a adoção de ritos e referências alheios à família.

Os novos nomes trazem na raiz o *Abu*, o pai. Jeffrey (2016) nos lembra que o termo radicalização se refere à raiz, à filiação. Um novo pertencimento se instaura, destruindo o que havia antes. Assim, cada um porta um nome do pai, uma versão do pai, que dá acesso a uma relação fraternal e a uma relação regulada com as mulheres.

O ódio de si pode se externalizar no ódio do Outro, com a permissão e a exaltação da violência. É uma cultura da pulsão de morte. Oliver Roy (2016) diz que não se trata de um islamismo radical, mas da radicalização do islamismo. A radicalização seria a pura recusa da opacidade do sexual.

Referências

COSENZA, D. *Le refus dans l'anorexie*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2014.

COSENZA, D. La dimensione S0 e l'oggetto niente nelle psicosi ordinarie. Disponível em: <https://congressoamp2018.com/wp-content/uploads/2017/04/PAPERS-7.7.7.-N%C2%B01-Multilingue.pdf> > Acesso em 21 de agosto de 2017.

JEFFREY, D. "La radicalisation des jeunes djihadistes". In: JEFFREY, D. et al. **Jeunes et djihadisme - les conversions interdites**. Paris: Les Presses de l'Université Laval, 2016.

LACAN, J. Prefácio a *O despertar da primavera* (1974). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.557-559.

LACAN, J. (1972-73/1975). **Le Séminaire, livre XX: Encore**. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Éditions du Seuil.

LACHANCE, J. In: JEFFREY, D. et al. **Jeunes et djihadisme - les conversions interdites**. Clamecy: Les Presses de l'Université Laval, 2016.

ROY, O. L'interview: Rencontre avec Oliver Roy "La crise du monde musulman". In: **Mental: Identités en crise**. Paris: La nouvelle imprimerie laballery, 2016.

SELAMI, M., SALEM, J. H. "Conversion djihadiste des jeunes en Tunisie postrévolutionnaire: alterité, corporalité et spatialité". In: JEFFREY, D. et al. **Jeunes et djihadisme - les conversions interdites**. Paris: Les Presses de l'Université Laval, 2016.